

ANO DE TESTES

Denise Rothenburg
Da equipe do **Correio**

Sem um candidato bom de voto para sucedê-lo no Palácio do Planalto, o presidente Fernando Henrique Cardoso abriu a temporada de testes para ver quem se sai melhor no gosto popular para as eleições de 2002. Não deixa de incentivar ninguém. Começou com o ministro da Saúde, José Serra. E agora chegou a vez de Pedro Malan, da Fazenda. Daqui a um ou dois meses, o queridinho do presidente pode ser o ministro da Educação, Paulo Renato Souza, ou outro tucano ilustre. Tanto faz. É o ano do teste mesmo.

A ordem do presidente a seus ministros é mostrar o governo e, de quebra, ensaiar candidaturas. Afinal, faltando dois anos para a eleição e sem um candidato forte, o PSDB tem tempo para definir o nome ideal, fazer seus ensaios e saber o que o eleitor pensa de cada um dos pré-candidatos tucanos. "Está se especulando antes da hora. Meu candidato número um é o Covas (Mário Covas, governador de São Paulo), mas ainda temos muito tempo para definir um nome", diz o líder do PSDB na Câmara, Aécio Neves (MG).

No caso dos ministros, o presidente tem um motivo a mais para fazê-los entrar em campo: se o governo não se apresentar sensível aos problemas sociais, Fernando Henrique não fará seu sucessor. Neste caso, o próximo presidente virá do PT de Luiz Inácio Lula da Silva ou do PPS de Ciro Gomes, revelam as pesquisas mantidas a sete chaves por amigos de Fernando Henrique.

Essas três variáveis — a falta de candidato forte, baixa popularidade do governo e o favoritismo da oposição — foram os ingredientes básicos para a mudança de tom do ministro da Fazenda. Com um discurso menos econômico e liberações de recursos para obras sociais, Malan servirá, no mínimo, para içar um nome da preferência do presidente capaz de dar continuidade ao plano Real. Nomes bons, avaliam os amigos de FHC, não faltam. A lista encabeçada hoje pelo ministro da Saúde, José Serra, e pelo governador paulista Mário Covas, tem ainda o governador do Ceará, Tasso Jereissati, e o ministro da Educação, Paulo Renato.

Dentro do PSDB, o nome de Malan foi descartado de cara. "Ele não é filiado ao partido, não é social democrata. No nosso partido há muitos nomes antes de chegarmos a ele, como o caso do Covas, do Tasso, do Paulo Renato. O discurso de Malan está chegando com sete anos de

José Varela 7.9.98



Fernando Henrique: os tucanos lutam contra a falta de um candidato forte e o favoritismo de Lula e Ciro

atraso", respondeu, revoltado, o deputado Ubiratan Aguiar (PSDB-CE), ligado a Jereissati. O governador cearense, que passou por Brasília ontem, evitou falar de Malan em público: "O ministro tem direito de colocar suas posições, de se pronunciar. Eu só falo sobre eleição em 2002", desconversou, ao entrar para uma reunião com o ministro das Comunicações, Pimenta da Veiga.

Embora os tucanos saibam que hoje o nome de Malan não passa de um teste do presidente, eles

consideram que Fernando Henrique deveria se restringir aos nomes de antigos companheiros para a sucessão presidencial. Dizem que assim como Tasso Jereissati trabalhou por Fernando Henrique em 1994, quando o presidente encarou a corrida pelo Planalto pela primeira vez, caberia ao presidente agora buscar o melhor dentro da legenda e não dar corda ao tecnocrata Malan.

Os tucanos vão fazer de tudo para chegar ao final do ano numa situação melhor que seus co-

legas de governo — PMDB e PFL. Eles já declararam publicamente que vão disputar a presidência da Câmara contra os pefelistas. E não o farão apenas para sentir o gosto do poder. Acreditam que o controle da Câmara será fundamental para evitar armadilhas contra o governo. Um outro partido pode, por exemplo, levar para votação em plenário projetos de lei indesejáveis do ponto de vista do Palácio do Planalto.

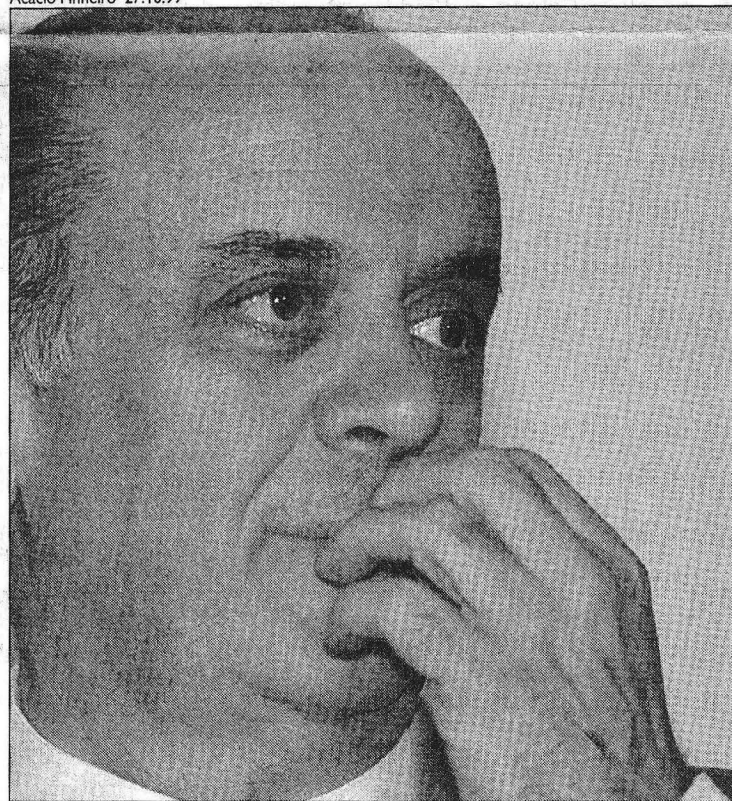
O presidente não tira o ânimo dos tucanos quanto a seus pro-

Ronaldo de Oliveira 5.4.00



Malan: discurso em prol do social, mas sem a carteirinha do partido

Acácio Pinheiro 27.10.99



José Serra: primeiro a ser testado, mas continua na lista do presidente

jetos no Congresso. Até incentivava, embora diga aos demais partidos aliados que não influirá na disputa da Câmara.

A postura de mero espectador muda totalmente quando o assunto é a Presidência da República. Fernando Henrique pretende ter participação ativa na escolha do candidato do PSDB e suas coligações. Comenta com amigos que não pode jogar fora oito anos de trabalho. Apresenta-se como o presidente que consolidou o plano Real, ultrapassou diversas

crises e hoje dá ao país perspectivas de crescimento. Deseja continuidade dos projetos sociais em curso e se prepara para injetar recursos nesta área.

Por isso, dizem seus amigos, fará tudo o que puder para evitar aventuras eleitorais em seu partido. Quer um candidato capaz de disputar voto a voto com quem quer que seja. Nesse sentido, ele não descarta ninguém, nem Serra, nem Jereissati e nem Malan. Sem preconceitos: quem passar no teste, será o escolhido.